

AUTRAN DOURADO E SILVIANO SANTIAGO: prenúncios de uma amizade crítica

AUTRAN DOURADO AND SILVIANO SANTIAGO: heralds of a critical friendship

AUTRAN DOURADO Y SILVIANO SANTIAGO: presagios de una amistad crítica

Luiz Eduardo Ludvig Alencastro¹

Edgar César Nolasco²

RESUMO: O presente artigo emerge do projeto de pesquisa “Autran Dourado: aprender a desaprender para re-comparar a crítica”, erigido no Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC) e com fomento da bolsa PIBIC/FUNDECT. Considerando que o objetivo central do trabalho é rever a crítica autraniana pelas lentes da epistemologia descolonial, tomamos como base a relação amistosa entre o escritor Autran Dourado e o ensaísta Silviano Santiago. Para tanto, a matéria epistolar trocada entre os dois intelectuais e entrevistas são lidas para ponderar o conceito de *conversas epistêmicas* (MIGNOLO, 2020). Intentamos perceber como a dupla busca falar, contra e escrever contra tópicos semelhantes e a fim de trazer a tona as aproximações necessárias leremos: “O entre-lugar do discurso latino-americano” (SANTIAGO, 2019) e *Uma poética de romance: material de carpintaria* (DOURADO, 2014). Após o percurso crítico, esperamos que a relação de amizade Autran/Silviano possa aprofundar nossas perspectivas do fazer literário autraniano, o qual permite teorizar a partir de outros ângulos epistêmicos, como por exemplo a descolonialidade.

PALAVRAS-CHAVE: Autran Dourado; Silviano Santiago; escritor latino-americano; descolonialidade.

ABSTRACT: This article emerges from the research project “Autran Dourado: aprender a desaprender para re-comparar a crítica” established at the Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC) and funded by the PIBIC/FUNDECT scholarship. Considering that the central objective of the work is to review Autranian criticism through the lens of decolonial epistemology, we take as our basis the friendly relationship between the writer Autran Dourado and the essayist Silviano Santiago. To this end, the correspondence between the two intellectuals, dedications, and interviews are read to ponder the concept of epistemic conversations (Mignolo, 2020) between them. We try to understand how

¹ Luiz Eduardo Ludvig Alencastro é graduando de Letras português/espanhol na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Bolsista FUNDECT e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC), produz pesquisas e divulga ciência a partir dos estudos em Autran Dourado. E-mail: alencastroluiz265@gmail.com

² Edgar César Nolasco é docente dos cursos de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e coordenador do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). E-mail: ecnolasco@uol.com.br

the duo seeks to speak out against and write about similar topics, and in order to bring out the necessary connections, we will read: "The In-Between Place of Latin American Discourse" (Santiago, 2019) and *A Poetics of Romance: Carpentry Material* (Dourado, 2014). After this critical journey, we hope that the friendship between Autran and Silviano will deepen our perspectives on Autran's literary work, allowing us to theorize from other epistemic angles, such as decoloniality.

KEYWORDS: Autran Dourado; Silviano Santiago; Latin American writer; decoloniality.

RESUMEN: El presente artículo surge del proyecto de investigación «Autran Dourado: aprender a desaprender para re-comparar a crítica», creado en el Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC) y financiado por la beca PIBIC/FUNDECT. Teniendo en cuenta que el objetivo central del trabajo es revisar la crítica autraniana desde la perspectiva de la epistemología descolonial, tomamos como base la relación de amistad entre el escritor Autran Dourado y el ensayista Silviano Santiago. Para ello, se leen las cartas intercambiadas entre ambos intelectuales, dedicatorias y entrevistas, con el fin de reflexionar sobre el concepto de conversaciones epistémicas (Mignolo, 2020) entre ellos. Intentamos comprender cómo el dúo busca hablar, contradecir y escribir sobre temas similares y, con el fin de sacar a relucir las aproximaciones necesarias, leeremos: «El entre-lugar del discurso latinoamericano» (Santiago, 2019) y *Una poética de la novela: material de carpintería* (Dourado, 2014). Tras el recorrido crítico, esperamos que la relación de amistad entre Autran y Silviano pueda profundizar nuestras perspectivas sobre la obra literaria de Autran, lo que nos permite teorizar desde otros ángulos epistémicos, como por ejemplo la descolonialidad.

PALABRAS CLAVE: Autran Dourado; Silviano Santiago; Escritor latino-americano; descolonialidad.

Eu tinha que buscar uma outra saída. Talvez eu não fosse o ser límpido e apolíneo que eu pensava. E já que estamos num [texto] tão cheio de heresias, cometamos mais uma. (DOURADO, 2014, p. 92.)

O autor não se arrepende, pois, da empreitada literária tal como projetada. Mas posto contra a parede da crítica alheia, se entrega a divagações de caráter autocrítico. (SANTIAGO, 2020, p. 63.)

Acredito que seria incoerente começar o meu pensar sem me situar enquanto pesquisador alocado nas fronteiras, sejam essas territoriais ou epistêmicas, e com o intuito de erigir mecanismos de contestação das tecnologias de dominação que há muito vêm cerceando corpos como o meu do direito de pensarmos com nossas próprias pernas. É nesse contexto, sob as categorias relegadas a mim, sem que antes eu tivesse a chance de cobrar consciência de quem era, que não vejo outra saída se não redigir *um texto tão cheio de heresias*

perante o fazer científico moderno e optar pela epistemologia descolonial como aporte teórico para a leitura comparatista que será realizada aqui.

Dessa forma, proponho que a amizade entre os mineiros Autran Dourado e Silviano Santiago me serve como condição propulsora para refletirmos do que se trataria uma *conversa epistêmica* (MIGNOLO, 2020). Considerando isso, sigo pelo caminho contrário: o que não é conversa epistêmica? Ou, melhor, o que deveria ser?

Não nego que definir exatamente o que é conversa epistêmica *a partir de* Dourado e Santiago me parece reduutivo e distante do que defendo enquanto *práxis* de vida *a partir da* descolonialidade, dado que “a distinção moderna entre teoria e prática não se aplica quando você está no campo do pensamento de fronteira e nos projetos descoloniais” (MIGNOLO, 2008, p. 291). Logo, dedicar-me a uma explicação meramente teórica não me basta, já que o cerne é ser, sentir, viver, estar sendo e pensar numa desordem epistemológica que desestabiliza a hierarquia de ideias totalizantes, puristas e abstratas.



Figura 1 – Silviano Santiago (em pé) com os escritores Wilson Figueiredo, Autran Dourado e Jacques do Prado Brandão, em Petrópolis

Fonte: <https://revistapesquisa.fapesp.br/silviano-santiago-o-literato-cosmopolita/>

Refletir *a partir da* amizade de Autran com Silviano resulta em expor o tom crítico que Dourado sempre teve durante a sua carreira de escritor. Isto é, visualizar a ficção autraniana, muitas das vezes calcada na vida mineira interiorana, de um prisma mais crítico e menos estético. Dessa forma, Autran é desobediente ao ter por comparação a idealização do ofício de escritor, o qual padece pelo mito de ser ignorante: “Nossos romancistas aceitaram passivamente a tese que lhes foi imposta, de que deveriam ficar quietinhos, sempre calados, teorizar nunca” (DOURADO, 2014, p. 12). Assim, justifico a segunda epígrafe. As falas de Silviano, acerca do escritor Machado de Assis, resumem a contento o gesto autraniano de criatividade e autocrítica. As empreitadas literárias presentes em Autran se perfazem ao longo de seu projeto intelectual como exercício autorreflexivo da arte de fazer literatura, a partir de suas experiências.

Defendo uma visada que aborda Autran como pensador crítico e escrevo sob o argumento de que a ficção em si congrega o *bios* de seu escritor e, por outro lado, diz respeito a um possível diálogo para além do ficcional. Sob essa rubrica, delinheiro que o caminho amistoso dos dois literatos estão ligados a fim de trocarem opiniões e lapidarem reflexões acerca do fazer literário. Ambos trocam cartas e, amalgamado nesse intercâmbio de opiniões, nota-se que a força motriz para o desenvolvimento da relação aparenta ser o plano arquitetural que gira em torno do ato de criar:

E as possibilidades de dimensionamento são marcadas por duas balizes: as leituras que faz dos antigos (e por antigo entendo até mesmo os autores da penúltima geração) e os comentários que lhe são feitos (de viva-voz, ou por escrito) pelos seus contemporâneos, bem como o diálogo que consegue estabelecer com eles. Em outras palavras: dê-me seu trabalho primeiro, e em seguida me diga o que lê e com quem conversa. (SANTIAGO *apud* GUIMARÃES, 2023, p. 333)

Meu caro Silviano, recebi sua carta de 23 de abril. A lulanterna asexesa lualançava sobre mim ela vulvaberta deicubitada esperando meu plenilúnio contapingochoorando no antego-zorioso. É isso que você quer que eu faça? [...] Mas isso é um pastiche que acabo de fazer, em sua homenagem, de James Joyce. Já foi feito antes, e bem feito. [...] O mal da vanguarda brasileira é que ela não é vanguarda, mas retaguarda. Continua repetindo o que era vanguarda no princípio do século e foi ultrapassado pelos grandes romancistas e poetas que se seguiram.

Destruir o romance, a linguagem e o verso, é uma boa meta, mas já foi realizada. Destruir o que já foi destruído é bobagem e imaturidade, provincianismo. (DOURADO *apud* GUIMARÃES, 2023, p. 334)

Os excertos das cartas foram retirados do estudo do intelectual Jonatas Guimarães, o qual pensa Autran e Silviano enquanto personagens e busca verificar como tal fenômeno se desenvolve nas trocas epistolares e obras de cada um. Entretanto, o meu foco não se restringe a identificar traços de Silviano em Autran e vice-versa, como uma relação de influência, da qual eu tenho como intuito me afastar. Na verdade, o que capturo em meu discurso crítico *a partir de* meu biolocus — *bios* = vida e *locus* = vida — (NOLASCO, 2015) é justamente o processo conversacional entre Autran e Silviano e não o suposto produto dessa conversa. De forma breve, porém necessária, o teórico argentino afirma que:

Quando falo de conversas, não me refiro a declarações que possam ser gravadas, transcritas e usadas como documentos. Geralmente as conversas mais significativas foram comentadas ocasionais, feitos de passagem, sobre um acontecimento, um livro, uma ideia, uma pessoa. (MIGNOLO, 2020, p. 12)

Partindo desse pressuposto, o leitor desatento poderia pensar que ao trazer as cartas e redigi-las em formato de citação, eu começasse a documentar a conversa entre Autran e Silviano. No entanto, pelo contrário, meu corpo serve de ponte para as relações aqui estabelecidas e o caráter documental se dissipa, uma vez que me ateno a trabalhar ambos os mineiros como meus colegas epistêmicos, tal qual amigos a conversar em prol de um assunto único.

As falas dos escritores frutificam meu diálogo, ao entrever que a prática autraniana de criação — se podemos, assim, nomeá-la — conclama por uma autorreflexão do autor em revelar sua arte a outrem. Ao contrário de algumas hipóteses cujas pautas confluem para a supremacia da autoria. A tese defendida por Autran se calca em conselhos de vida absorvidos pela sua prática mista de vida e ficção. Desse modo, o literário não se faria na solidão do escritor e sua criação, mas, em realidade, pauta-se na ideia de partilhar para crescer.

A fim de concatenar melhor a assimilação entre *bios* e ficção, podemos nos valer da imagem de dois pêndulos descompassados — um representando o *bios* e outro a ficção — é no exato átimo em que se entrecruzam que minha

leitura de Autran Dourado entra em movimento. Isso me leva a abalizar a ideia de que o ponto de conexão da conversa que estabeleço aqui só pode ser mediante sensibilidades que enxergam Dourado e Santiago para além de objetos de estudos; refiro-me, então, às minhas sensibilidades epistemicamente desobedientes (MIGNOLO, 2008).

Voltando-me à carta de Silviano, enfatizo o último período que se resume em um jogo de “me diga com quem andas e direi quem és” que, assim, reitera mais firmemente o impacto de outras leituras e seus entrelaçamentos na literatura, mas, antes de qualquer acepção precipitada, o referido jogo de Santiago declina o fazer literário para uma prática conversacional. Na mesma chave, apesar da crítica, a proposta de Autran perscruta em horizontalizar diálogo entre a figura do douto nas letras e do escritor-operário que tem a palavra como instrumento quase material de trabalho.

A literatura passaria a ser vista não tão somente para devaneios estéticos, seria, então, uma forma de unir ambas as extremidades da conversa para juntos se enriquecerem em suas *práxis* individuais. É precisamente no momento de perceber que literatura pode ser uma das vias a estabelecer uma conversa epistêmica que a inscrição ocorre como condição *sine qua non* da manutenção desse diálogo. Reforçando a colocação do corpo como prisma de leitura, Autran afirma: “Quanto aos meus símbolos, exatamente porque símbolos, não me cabe a mim dizer quais são, mas ao leitor senti-los e visualizá-los, de acordo com a sua experiência e vida” (DOURADO, 2014, p. 96). Não é por acaso que ainda é incoerente continuar as minhas elucubrações sem constantemente estar corporalmente inserido no texto, já que ser membro de um grupo de pesquisa e trabalhar em diálogo com outros pesquisadores se torna filtro inicial para entrever que Autran e Silviano travam uma amizade crítica.

O diálogo latente calcado na experiência de vida/biolócus me leva a enxergar que as facetas teórico-literárias compartilhadas entre os amigos mineiros refletem a prática intersticial do escritor latino-americano. Acerca disso, Santiago comentará em “O entre-lugar do discurso latino-americano” que a sina

do escritor latino-americano seria falar e escrever contra o domínio imperial conquistador. Preso no meio, entre a assimilação do modelo e sua traição, o artista latino-americano aceita a transgressão como forma de expressão (SANTIAGO, 2000). Cabe ressaltar que Silviano Santiago não se dedica aos estudos descoloniais e suas intenções com esse texto eram diferentes das minhas, mas, ainda no mesmo diapasão de Autran, se minhas experiências firmam minhas leituras, logo, assumo a responsabilidade de conversar descolonialmente com as ideias do mineiro Santiago.

Após a breve explicação, proponho que haja um contato entre as intenções de Autran e Silviano, uma vez que discutem o fazer literário do escritor dos trópicos. A disposição do jogo latino-americano performado por Silviano se estabelece, assim, como coloca: “a maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e pureza” (SANTIAGO, 2000, p. 16). Não é por coincidência que o diálogo sobre o literário e para além dele entre os mineiros se estabelece mais ou menos nessa década, sendo as cartas de 1976 e o texto de Silviano de 1971. Semelhanças cronológicas a parte, a referida destruição sistemática de unidade e pureza sobre a qual Santiago teorizou ainda ocorre ainda hoje e percorre meu corpo de fronteira.

É nesse ponto que tenciono a ideia de que conversar epistemicamente, balizado pela epistemologia descolonial, já ignora os conceitos de unidade e pureza de pensamento, pois trabalho na exterioridade, nas fronteiras. Não desconsidero que a perspectiva de Santiago se pautava em outros contextos. Entretanto, propondo-me a teorizar *a partir da* desordem epistemológica, que põe em crise conceitos tão fundamentalistas, reconheço, pois, que ideias, como as do mineiro, galgaram caminhos importantes para que hoje não mais se pensasse em contraposições dicotômicas com a Europa/Estados Unidos, mas teorizasse *a partir de* meu próprio corpo-fronteira.

Aqui de onde habito, por questão de opção descolonial (MIGNOLO, 2008), o único material que detenho para contestar os mecanismos de dominação

colonial se trata de minha inscrição de vida e de como ela perfaz a conversa com *meus* caros amigos das Minas. Nesse sentido, a amizade de Autran e Silviano perpassa minhas experiências de sujeito universitário que desde que ousou pensar teoricamente sempre dispôs de colegas epistêmicos. Nós três nos indexamos como prismas para estabelecer a prática *outra* de conhecer o *outro*, ou seja, valer-se de conversas, trocas, partilhas e juntos começarmos a falar de nossas causas.

Teorizar com nossos colegas significa desprender-nos da imagem de que o teorizador latino-americano vive no espaço de acolhimento das diferenças e do encontro horizontal de culturas (SANTIAGO, 2000). Em realidade, conversar epistemicamente estaria para uma prática re-comparatista de experiências sob as mesmas responsabilidades. A fim de delimitação teórica, pondero a amizade epistêmica como:

[...] re-comparar como re-aprender — a partir de quando se pensa uma literatura comparada descolonial (fronteiriça) — torna-se a condição, uma vez que se recompara visando um *compartilhamento, uma solidariedade, uma sensibilidade e uma reciprocidade*. (NOLASCO, 2025, p. 22, grifos meus)

Dos grifos anteriores, creio que o termo “reciprocidade” melhor me possibilita teorizar uma prática *outra* de produção sensível de conhecimento. Logo, *a partir de* Mignolo a reciprocidade se postula enquanto “trabalho cooperativo visando melhoria. Dar e receber, o princípio da reciprocidade é feito tanto de direitos quanto de deveres para cada um” (MIGNOLO, 2008, p. 322). Desse modo, conversar implicaria indispensavelmente em reconhecermos que possuímos algo em comum e somos/estamos vivendo em prol de um futuro possível para nossas causas. Se por um lado a amizade Autran-Silviano se declina para uma possível conversa sobre o extra-literário; *a partir de* meu biolócus, por outro ângulo, o extra-literário, ou seja, o campo empírico, é o cerne de minhas conversas epistêmicas tanto com Autran quanto com Silviano.

Sendo assim, a cooperação entre nós (des)sujeitos, fronteiriços, pretos, indígenas, gays, mulheres, imigrantes e qualquer outra categoria relegada a nós desmonta a suposta ideia de convívio harmonioso nos trópicos. Como já

explicitado, a América Latina não é e nunca foi um espaço de convívio coeso entre as diferenças. Trazendo os aportes do teórico peruano Aníbal Quijano, defendo que “a crítica do paradigma europeu da racionalidade/modernidade é indispensável” (QUIJANO, 1992, p. 447) e não assumir tal responsabilidade em nossas conversas epistêmicas recorreria em reiterar a submissão aos modelos cognitivos europeus que há séculos nos exteriorizam.

A princípio, poder-se-ia pensar que o ensejo deste trabalho se resumiria em definir, precisar e postular os escritores Autran Dourado e Silviano Santiago enquanto autores que, unidos por um laço amistoso, trabalham em prol do fazer literário. Embebido pela literatura autraniana, não vi outro caminho, senão pensar *a partir de* meu corpo de pesquisador alocado nas fronteiras, sejam essas territoriais ou epistêmicas, para alçar voos maiores acerca e *a partir de* Autran Dourado e Silviano Santiago, meus colegas de teoria. A conversa travada com meus partícipes e eu se faz no anseio de começarmos a pensar nossas próprias pernas e de re-compararmos nossas histórias. Parafraseando a estudiosa em Autran Angela Senra (1991), muitos poderiam pensar que meu intuito era falar de Autran e Silviano, mas, na verdade, eles falavam por mim.

REFERÊNCIAS

DOURADO, Autran. **Uma poética de romance:** matéria de carpintaria. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. In: **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais.** Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

NOLASCO, Edgar César. **Literatura Comparada Descolonial.** Campinas: Editora Pontes, 2025.

NOLASCO, Edgar César. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia). In: **Cadernos de Estudos Culturais: Brasil/Paraguai/Bolívia**, v. 7, n. 14. Campo Grande: Editora UFMS, 2015, p. 47-63.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad-razionalidad. In BONILLO, Heraclio (comp.). **Los conquistados**. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, p. 437-449. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento,

SANTIAGO, Silviano. **Fisiologia da composição**: gênese da obra literária e criação em Graciliano Ramos e Machado de Assis. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2020.